

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

Kateryna Kasper soprano

Christian Miedl barítono

31 Mar 2023 · 21:30 Sala Suggia

CONCERTOS DE PÁSCOA

ANO ALEMANHA



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Wolfgang Amadeus Mozart

Música fúnebre maçónica, KV 477 (1785; c.6min)

Exsultate, jubilate, KV 165 (1773; c.14min)*

Allegro: “Exsultate, jubilate”

Recitativo: “Fulget amica dies”

Andante: “Tu virginum corona”

Molto allegro: “Alleluja”

PAUSA TÉCNICA

Richard Wagner (arr. Andrew Gourlay)

Suite de Parsifal (1882/2019; c.55min)

Prelúdio do Acto I —

Música de Sexta-Feira Santa (Acto III) —

Música da transformação (Acto III) —

Prelúdio do Acto III —

Prelúdio do Acto II

“Ja! Wehel Wehel!” (Ária de Amfortas)*

Música da transformação (Acto I) —

Finale (Acto III)

*Textos originais e traduções nas páginas 6 e 7.

A ária “Ja! Wehel Wehel!” da ópera *Parsifal* não pertence originalmente à suite de Andrew Gourlay.

Concerto sem intervalo.

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

W. A. Mozart é considerado um dos representantes máximos do chamado Classicismo Vienense, tendo desenvolvido um estilo bastante pessoal, produto da confluência entre o lirismo da ópera italiana e a tradição instrumental germânica, no qual naturalmente sobressai a sua beleza melódica, a elegância formal, bem como a riqueza ao nível harmónico e de textura. Autor de uma obra vasta e variada, é possível constatar que dominou todos os géneros sobre os quais se debruçou.

***Exsultate jubilate*, K. 165**

Entre o final de 1772 e o início de 1773, Mozart esteve pela terceira vez em Itália, aquando da produção da sua ópera *Lucio Silla* em Milão. Foi então que conheceu o castrato Venanzio Rauzzini, para quem compôs o motete *Exsultate, jubilate*, K. 165, estreado a 17 de Janeiro. Trata-se de um motete não à maneira renascentista, mas no sentido de “cantata a solo”, como então era entendido em Itália. Apesar do seu texto sacro (de autor desconhecido) — um hino de louvor, uma oração à Virgem e ainda um “Aleluia” —, mas bem ao gosto da época, a obra é grandemente marcada pelo estilo operático italiano, com a sua escrita vocal ágil e florida.

O motete inicia-se com a ária “Exsultate, jubilate”, um *Allegro* em Fá maior concebido como uma forma sonata. Após um *ritornelo* instrumental, a voz apresenta o tema principal, que mais tarde reitera em Dó maior. No final há uma cadência do solista, como se de um concerto se tratasse, antes de uma breve coda. Segue-se um *recitativo secco*, “Fulget amica dies”, o qual, partindo de Ré maior

e envolvendo a variabilidade tonal expectável, acaba por encerrar em Ré menor. A ária que sobrevém, “Tu virginum corona”, é um *Andante* em Lá maior, construído também como uma pequena forma sonata. A lírica melodia principal recorda determinados elementos temáticos da primeira ária, sendo colorida com expressivos cromatismos. Omitindo o segundo recitativo convencional no género, esta ária desemboca directamente no “Aleluia” final, *Molto allegro*, em Fá maior. Como se fosse o *finale* de um concerto, este brilhante rondó capta na perfeição o sentimento de exultação inerente ao texto, com uma arrojada escrita florida para a voz, sendo frequentemente executado como ária de concerto autónoma.

***Música fúnebre maçónica*, K. 477**

O estabelecimento definitivo de Mozart em Viena, em 1781, deu início à fase mais produtiva do seu percurso, na ânsia de alcançar o reconhecimento público enquanto pianista e compositor. Estilisticamente, a extravagância dos últimos anos de Salzburgo dava agora lugar a um novo interesse pela clareza das texturas, pelo contraponto, pelo cromatismo, por detalhes ao nível do ritmo e da articulação, bem como por uma nova exploração da relação entre os instrumentos.

A *Maurerische Trauermusik* (*Música fúnebre maçónica*), em Dó menor, K. 477, é escrita para um efectivo instrumental único na produção do compositor: dois oboés, um clarinete, três *cors de basset*, um contrafagote e duas trompas. No seu tempo, a Maçonaria era uma sociedade extremamente influente em Viena, incorporando e promovendo os princípios humanitários do Iluminismo, e o próprio Mozart viria a ser admitido, a 14 de Dezembro de 1784, na loja vienense “Pela Beneficência”,

para cujas actividades produziu várias peças vocais e instrumentais. A obra em causa foi composta originalmente em Julho de 1785, tendo em vista o ritual de posse de um Mestre, mas terá sido executada também em Novembro de 1785 na cerimónia fúnebre pela morte de dois companheiros.

Com apenas 69 compassos, este *Adagio* profundo inicia-se com um tocante lamento dos sopros, em Dó menor, tonalidade que na simbologia maçónica denotava a ideia de morte. A segunda secção, em Mi bemol maior — também uma tonalidade simbólica, com os seus três bemóis —, consiste num coral que integra um *cantus firmus* medieval e que parece remeter para as Lamentações de Jeremias. De novo em Dó menor, a secção final retoma o comovente canto fúnebre, culminando, surpreendentemente, num luminoso e pacífico acorde de Dó maior, que representa a ressurreição daquele que transita para uma nova jornada.

Richard Wagner

LEIPZIG, 22 DE MAIO DE 1813

VENEZA, 13 DE FEVEREIRO DE 1883

Parsifal

A obra de Richard Wagner assumiu um relevo particular na história da ópera, uma vez que a sua orientação reformista foi decisiva na emergência de uma nova concepção do género. Além do mais, as suas ideias alcançaram um impacto bastante alargado nas décadas subsequentes, nos mais diversos campos do pensamento e da arte, o qual subsistiu em boa parte até aos dias de hoje. O seu interesse pelo teatro e pela música manifestou-se desde cedo, mas o primeiro sucesso operático, após algumas outras tentativas, seria obtido apenas

em 1842, com a estreia de *Rienzi* em Dresden. As apresentações de *Der fliegende Holländer*, de *Tannhäuser* e de *Lohengrin*, até ao final dessa década, representariam um significativo salto qualitativo, e os anos de exílio da Suíça, decorrentes da participação na insurreição de Dresden em 1849, levariam o compositor a concretizar todo um corpo de reflexão teórica e estética, ensaios que hoje fornecem chaves interpretativas fundamentais para o entendimento da sua obra.

A génese de *Parsifal* parece remontar a leituras do compositor em meados da década de 1840, mas o seu interesse pelo tema seria, nos anos seguintes, entremeadado pela composição de outras obras. O primeiro esboço em prosa do argumento foi realizado em 1857, reelaborado em 1865, e só em 1877 viria a conhecer a versão final, bem como a concretização num libreto em verso. O trabalho de composição foi iniciado ainda em 1877 e a partitura final estava completa no início de 1882, tendo a estreia ocorrido a 26 de Julho desse ano, em Bayreuth.

Baseada, em parte, no poema épico *Parsifal* de Wolfram von Eschenbach (datado do início do século XIII), e em parte no romance *Perceval, le Conte du Graal* de Chrétien de Troyes (do final do século XII), esta é a história de um jovem cuja virtude é a salvação dos cavaleiros do Santo Graal. Trata-se provavelmente da obra mais enigmática de Wagner — várias foram as tentativas de leitura interpretativa do seu conteúdo —, uma vez que cruza ideias provindas do cristianismo, do paganismo, do budismo e de Schopenhauer, explorando temáticas como a auto-renúncia, a reencarnação e a compaixão. *Parsifal* foi a única das suas óperas composta tendo em conta as especificidades acústicas do Bayreuth Festspielhaus, o que certamente contribuiu para que a concepção do seu mundo sonoro

fosse distinta de todas as predecessoras. As linhas vocais são tremendamente expressivas, variando entre o melódico e o declamado, e o compositor recorre frequentemente a *Leitmotive* associados a ideias, objectos, emoções e personagens, os quais lhe fornecem amplo material para desenvolvimento sinfónico. Verifica-se uma contraposição entre diatonismo e cromatismo, numa relação por vezes equívoca, e regista-se igualmente uma propensão para a dissolução da tonalidade, abundando os trítonos, as tríades aumentadas e as relações tonais de mediante, que corroem a hierarquia tonal convencional. A orquestração de *Parsifal* testemunha o quão amplos eram os recursos do compositor nesta fase, com as suas sonoridades de grande refinamento e poder expressivo.

Suíte Parsifal

(construída por Andrew Gourlay)

A prática de apresentar excertos sinfónicos das óperas de Wagner como música de concerto começou a vulgarizar-se ainda em vida do compositor. Recentemente, a constatação da existência de poucos materiais disponíveis no caso do *Parsifal* levou o director de orquestra Andrew Gourlay a construir uma suíte orquestral, na qual reúne com alguma liberdade, mas com a mínima interferência na articulação entre os originais, vários dos seus principais momentos.

A suíte abre com o Prelúdio do Acto I, baseada em duas ideias importantes que surgem recorrentemente ao longo da ópera. Combinando os timbres das cordas e das madeiras, começa por apresentar uma melodia expressiva em Lá bemol maior, logo repetida em Dó menor, da qual derivarão vários outros temas. Na secção seguinte é enunciada uma nova

ideia, em estilo de coral — o motivo do Graal —, partindo novamente de Lá bemol maior, e numa terceira secção os temas antes ouvidos são sujeitos a algum desenvolvimento, enquanto novos motivos são subtilmente sugeridos.

Segue-se o “Encantamento de Sexta-feira Santa”. No início do Acto III, passados muitos anos de errância, Parsifal chegava finalmente ao castelo de Montsalvat, reencontrando Gurnemanz, que tinha acabado de se deparar com Kundry inconsciente na floresta, e revelando-lhe que, tendo a Lança Sagrada na sua posse, pretendia curar Amfortas. O eremita reconhece-o como o casto inocente referido pela profecia e unge-o como Rei do Graal. Um solo de oboé acompanha o momento em que Parsifal observa as belezas da floresta, que lhe parece transformada, e Gurnemanz explica-lhe que o encantamento de Sexta-Feira Santa transfigura a Natureza através do amor. Parsifal baptiza a arrependida Kundry, libertando-a da perdição eterna. Inicia-se então uma meditação pungente acerca dos principais temas que perpassam a ópera (o sofrimento, a compaixão, a redenção).

Terminada a Gena 1 do Acto III, um sombrio interlúdio orquestral (a “Música da transformação”) leva a cena de regresso ao salão do castelo do Graal. Em procissão, os cavaleiros reúnem-se, trazendo consigo Amfortas ferido e Titurel no caixão, enquanto a orquestra acompanha com uma dramática marcha fúnebre.

A suíte prossegue com o Prelúdio do Acto III. No acto anterior, Parsifal tinha partido em busca de Klingsor, confrontando-o e recuperando a Lança Sagrada, tendo também conseguido resistir às aproximações de Kundry, que então lhe lançara a maldição que o levava a vagar indefinidamente sem conseguir regressar a Monsalvat. O Acto III inicia-se passados esses 20 anos de sofrimento, e o Prelúdio com que

abre ambiciona precisamente descrever as angústias existenciais vividas por Parsifal durante esse período. Trata-se de uma peça que assume grande importância estrutural na obra como um todo e na qual o compositor, em resposta a uma situação dramática específica, produziu uma das suas experiências mais ousadas com o sistema tonal. Esta é uma música de carácter elegíaco, em Si bemol menor, de um cromatismo intenso, com incursões na atonalidade e na politonalidade. O material musical inclui reminiscências dos actos anteriores, numa estrutura de combinações motivicas em tensão que procuram veicular essa ideia de errância.

Segue-se o Prelúdio do Acto II, “No castelo mágico de Klingsor”, uma passagem relativamente breve que coloca a acção no domínio dessa figura, onde se desenrola todo o acto (primeiro no castelo, depois no seu jardim encantado). É um episódio crucial, no qual o jovem Parsifal, não cedendo às tentações das donzelas-flores e de Kundry, fica na posse da Lança Sagrada e derrota Klingsor, assim alcançando a condição que lhe permite levar a redenção aos cavaleiros do Graal. Consistindo, em boa parte, numa distorção de elementos do acto anterior, que decorreu no domínio do Graal, a música deste acto, em especial aquela associada a Klingsor e a Kundry, é particularmente cromática, e também o prelúdio de abertura fervilha de tensões.

Neste ponto, o programa deste concerto interpõe a ária de Amfortas, “Ja! Wehe! Wehe!”, oriunda da Cena 2 do Acto III. A lúgubre “Música da transformação” desse acto tinha acabado de recolocar a cena no salão do castelo do Graal, onde os cavaleiros se congregavam em torno de Titurel falecido e de Amfortas ferido. No momento em que a comunidade lhe pede que cumpra o ritual de revelação do Graal por

uma última vez, Amfortas lamenta a sua infelicidade, numa ária dramática e comovente, considerando-se antes merecedor de expiar o seu pecado. Gritando de dor, dirige-se então ao cadáver de Titurel, implorando-lhe que interceda pela sua própria morte, em misericórdia pela sua dor.

De regresso ao Acto I, a suite continua com o interlúdio orquestral (“Música da transformação”) que se sucede à Cena 1, no momento em que Gurnemanz, depois de interrogar o jovem desconhecido trazido à sua presença — Parsifal — e no intuito de perceber se é a este que caberá cumprir a profecia revelada a Amfortas, o conduz através dos muros de rocha, encaminhando-o, montanha acima, até ao grande salão do castelo do Graal para assistir ao rito dos cavaleiros.

O momento sinistro em que Parsifal surge a Gurnemanz e Kundry, no Acto III, aproximando-se da fonte sagrada, serve nesta suite de ponte para a parte final da Cena 2 do mesmo acto. A suite de Andrew Gourlay encerra então com esse episódio final em que, depois de Amfortas ter suplicado pela própria morte, Parsifal intervé, erguendo a Lança Sagrada e absolvendo o pecador. Ordena então que se revele o Graal, com um brilho cada vez mais forte, e uma vez proclamado como seu redentor, abençoa a comunidade dos cavaleiros.

LUIÍS M. SANTOS, 2023

Wolfgang Amadeus Mozart

Exsultate, jubilate, K. 165

Allegro

*Exsultate, jubilate,
o vos animae beatae,
dulcia cantica canendo;
cantui vestro respondendo,
psallant aethera cum me.*

Recitativo

*Fulget amica dies,
jam fugere et nubila et procellae;
exorta est justis inexpectata quies.
Undique obscura regnabat nox,
surgite tandem laeti
qui timuistis adhuc,
et jucundi aurorae fortunatae
frondes dextera plena et lilia date.*

Andante

*Tu virginum corona,
tu nobis pacem dona,
tu consolare affectus,
unde suspirat cor.*

Molto allegro

Alleluja, alleluja!

Exultai, alegrai-vos,
almas felizes,
entoando suaves cânticos;
em resposta ao vosso cantar,
que o céu acompanhe a minha salmodia.

Raiou um dia agradável,
dissiparam-se nuvens e procelas;
surgiu para os justos uma paz inesperada.
Quando reinava a noite escura;
levantai-vos, pois, alegremente,
os que ainda temeis,
e, felizes por este dia,
oferecei com abundância grinaldas e lírios.

Tu, coroa das virgens,
dá-nos a paz,
dá sossego aos ânimos
sempre que o coração sofrer.

Aleluia, aleluia!

Richard Wagner

“Ja! Wehe! Wehe!”, de *Parsifal*

*Ja, Wehe, Wehe! Weh' über mich!
So ruf' ich willig mit euch,
williger nähm' ich von euch den Tod,
der Sünde mildeste Sühne!
Mein vater! Hochgesegneter der Helden!
Du Reinsten, dem einst die Engel sich neigten;
der einzig ich sterben wollt',
dir — gab ich den Tod!*

*O! Der du jetzt in göttlichen Glanz
den Erlöser selbst erschau'st,
erlehe von ihm, dass sein heiliges Blut,
wenn noch einmal heut' sein Segen
die Brüder soll erquickten, wie ihnen neues
Leben mir endlich spende — den Tod!*

*Tod! Sterben! Einz'ge Gnade!
Die schreckliche Wunde, das Gift ersterbe,
das es zernagt, erstarre das Herz!
Mein Vater! Dich — ruf' ich, rufe du ihm es zu;
“Erlöser, gib meinem Sohne Ruh!”*

*[Enthüllet den Graal! Walte des Amtes! Dich
mahnet dein Vater; du musst! Du musst!]*

*Nein! Nicht mehr! Ha! Schon fühl' ich den
Tod mich umnachten und noch einmal sollt'
ich ins Leben zurück? Wahnsinnige! Wer
will mich zwingen zu leben? Könnt ihr doch
Tod mir nur geben! Hier bin ich — die off'ne
Wunde hier! Das mich vergiftet, hier fließt
mein Blut. Heraus die Waffe! Taucht eure
Schwerte, tief — tief, bis an's Heft!
Auf! Ihr Helden!
Tötet den Sünder mit seiner Qual,
von selbst dann leuchtet euch wohl der Graal!*

Sim, ai, ai! Ai de mim!
Clamo-vos de bom grado,
de bom grado aceitaria de vós a morte,
a mais suave expiação pelo pecado!
Meu pai! O mais abençoado dos heróis!
Tu mais puro, perante quem outrora os anjos
se curvavam; o único por quem eu queria
morrer, a ti — eu ofereci a morte!

Ó! Tu que agora em esplendor divino
contemplas o próprio Redentor, suplica-lhe
que o seu sangue santo, quando hoje mais
uma vez a sua bênção refrescar os irmãos,
e como a eles lhes dá nova vida, me possa a
mim finalmente — dar a morte!

Morte! Morrer! A única misericórdia!
A terrível ferida, que morra o veneno
que a corrói, congela o coração!
Meu pai! É a ti que clamo, apela-lhe;
“Redentor, dai descanso ao meu filho!”

[Revela o Graal! Exerce o ofício! O teu pai
exorta-te; Tens de o fazer! Tens de o fazer!]

Não! Não mais! Ah! Já sinto a morte a
toldar-me e uma vez mais devo voltar à vida?
Loucos! Quem quer forçar-me a viver?
Se ao menos pudésseis dar-me a morte!
Aqui estou eu — a ferida aberta aqui! Que
me envenena, aqui onde flui o meu sangue.
Empunhai a arma! Mergulhai as vossas
espadas, profundamente — profundamente,
até ao punho!
Vamos, heróis! Matai o pecador com o seu
tormento, então o Graal brilhará para vós!

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 leva-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada passada, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura. Em Junho de 2022 regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Kateryna Kasper soprano

Versatilidade estilística e autenticidade na interpretação — estes termos caracterizam a agenda artística da soprano ucraniana Kateryna Kasper. Trabalhos no domínio operático, em concertos e como cantora de *Lied* levaram-na à Ópera de Los Angeles, ao Liceu de Barcelona, às filarmónicas de Paris, Colónia, Elbe e Moscovo, a Tóquio, a festivais em Edimburgo, Bergen, Savonlinna e Bregenz. No Outono passado, estreou-se enquanto Arianna em *Il Giustino*, de Vivaldi, na Ópera Estatal de Berlim.

Tem trabalhado com as orquestras filarmónica de Londres e Turku, com a Orquestra Gulbenkian de Lisboa, o Ensemble Modern, a Holland Baroque, a Orquestra Barroca de Freiburg e a AKAMUS. Cantou no Festival Telemann de Magdeburg, no Festival Händel de Karlsruhe, na Semana Bach de Estugarda e no Festival de Grafenegg. Na Ópera de Frankfurt, onde é residente, foi recentemente Tytania em *Sonho de Uma Noite de Verão* de Britten e Gretel em *Hansel e Gretel*. Na presente temporada, pode ser ouvida enquanto Angelica em *Orlando* de Händel, Romilda (*Xerxes*) e Zerlina (*Don Giovanni*). Apresentou também um programa de obras de Pergolesi e Bach com a B'Rock Orchestra, sob a direcção de René Jacobs, em Rouen, Grenoble, La Rochelle, Aix-en-Provence e Weimar, bem como o *Requiem* e as *Vésperas Solenes do Confessor* de Mozart com o Gächinger Kantorei de Estugarda e Hans-Christoph Rademann, no Teatro dos Campos Elísios em Paris.

O primeiro álbum de Kasper — *O wüßt ich doch den Weg zurück...* ("Ah! Se eu conhecesse o caminho de volta..."), com canções românticas sobre a infância e contos de fadas, foi bem recebido pela crítica. O disco foi gravado com Hilko Dumno no piano Steinway original de Richard Wagner em Bayreuth. Em 2022, foram

lançados registos discográficos de obras de Chostakovitich e Weinberg com o Trio Vivente, *O Franco-Atirador* (Ännchen) de Weber com a Orquestra Barroca de Freiburg dirigida por René Jacobs, e ainda o segundo álbum de *Lied* da cantora, *Ein süßes Deingedenken*, com canções de Fanny e Felix Mendelssohn gravadas com Dmitry Ablogin num pianoforte de 1835.

Kateryna Kasper estudou em Donetsk, na Ucrânia, com Raisa Kolesnik, tendo continuado a sua formação em Nuremberga e Frankfurt com Edith Wiens e Hedwig Fassbender. Em 2014, ganhou o prestigiado Concurso Internacional de Canto Mirjam-Helin em Helsínquia.

Christian Miedl barítono

Eis alguns dos compromissos das últimas temporadas de Christian Miedl: *O Príncipe de Homburgo* de Henze, na Ópera Estatal de Estugarda; *Orlando* de Neuwirth, na Ópera Estatal de Viena, a 8.^a Sinfonia de Mahler (“Sinfonia dos Mil”) com a Filarmónica de Munique; *Joana d’Arc* de Braunfels, na Ópera de Colónia; *A Bela Helena* de Offenbach na Ópera Estatal de Hamburgo; *Penthesilea* na Ópera de Bona; *Weisse Rose* de Zimmermann, em Tóquio, incluindo a produção de um CD; *Angels in America* de Eötvös, em Freiburg, Braunschweig e Munster, com o lançamento de um DVD; e também gravações para o seu álbum a solo, *Songs of the Night*, com obras dos períodos romântico, moderno e avant-garde.

Já passou por salas como as óperas de Viena, Estugarda, Baviera e Hamburgo, La Scala de Milão, Wiener Festwochen e teatros líricos em Colónia, Lyon, Frankfurt, Bona, Basileia, Malmö, Seattle e Karlsruhe. O seu repertório inclui a maioria dos papéis principais dos períodos romântico e clássico, de Mozart, Rossini, Wagner e Strauss.

O sucesso alcançado junto da imprensa e do grande público tornaram-no um intérprete da literatura contemporânea muito procurado. Foi *O Príncipe de Homburgo* de Henze, *Der Kaiser von Atlantis* de Ullmann, Kallenbach em *Satyagraha* de Glass e Malaspina em *Luci mie traditrici* de Sciarrino. Na estreia mundial de *Tree of Codes* de Liza Lim, na Ópera de Colónia, foi o protagonista, ao desempenhar o papel de Médico/Filho.

Christian Miedl interpretou Valmont na estreia norte-americana da ópera erótico-dramática *Quartett*, de Francesconi, no Festival de Spoleto, uma produção da Royal Opera House Covent Garden de Londres também

apresentada na Escandinávia. Pisou pela primeira vez um palco do Japão em 2018, o Suntory Hall de Tóquio, na qualidade de *Hans Scholl* na estreia nipónica de *Weisse Rose* de Zimmermann, com a Orquestra Sinfónica de Tóquio.

Em concerto, Christian Miedl tem sido solista em várias estreias mundiais de relevo: *Der Maler träumt* de Wolfgang Rihm com a Rádio Holandesa; *Jerusalem* de Ennio Morricone com a italiana RAI; *Atlantis* de Peter Eötvös com a Radio France. Além disso, é requisitado para participar em concertos como *Elias*, *A Paixão Segundo São Mateus*, *Requiem* de Brahms ou *Carmina Burana*. É convidado regular dos principais palcos internacionais, entre eles o Concertgebouw de Amesterdão, a Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Munique em Gasteig, o Festival de Lucerna, a Cité de la Musique em Paris, a Casa da Música no Porto, a Semana Mozart em Salzburgo, o Holland Festival e o Laeiszhalle de Hamburgo.

Pode ser ouvido em gravações de *Luci mie traditrici* de Sciarrino (CD, Stradivarius; DVD, Arthaus), *Carmina Burana* de Orff (CD, Analekta), *Les Noces* de Stravinski (CD, Analekta), *Lear* de Reimann (DVD, Arthaus) e *La Belle Helene* de Offenbach (DVD, Unitel, também transmitido pelo canal ARTE). O seu álbum a solo *Songs of the Night* foi editado em 2020.

Christian Miedl nasceu em Passau (Alemanha). Fez um mestrado em Negócios Internacionais antes de ganhar o 1.º prémio do “Jugend musiziert”, um conceituado concurso alemão para jovens músicos. Estudou com Wolfgang Holzmair na Universidade Mozarteum em Salzburgo, Kjellaug Tesaker em Salzburgo, Margreet Honig em Amesterdão, Patricia McCaffrey em Nova Iorque e Abbie Furmanský em Berlim. Foi premiado no prestigiado Concurso de Voz Internacional Francisco-Viñas em Barcelona.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomárico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Evgeny Makhtin
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Roumiana Badeva
Ilanina Khmelik
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
Vadim Feldblioum
José Despujols
Andras Burai
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Pedro Carvalho*
Joana Machado*
José Pedro Rocha*
Raquel Santos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Karolina Andrzejczak
Mariana Costa
Catarina Martins
Lilit Davtyan
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Ana Luísa Carvalho*
Catarina Resende*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Francisca Fins*
Rute Azevedo
Anna Gonera
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Rita Costa*
Rita Barreto*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Michal Kiska
João Cunha
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Ana Sofia Leão*
Miguel Braz*

Contrabaixo

Domingos Ribeiro*
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Pedro Barbosa*

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
João Moreira
Pedro Silva*
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
José Pedro Pereira*
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa

Harpa

Ilaria Vivan
Erica Versace*

Órgão/Sintetizador

Jonathan Ayerst*

*instrumentistas convidados

FAÇA UMA NOVA MELODIA COM O SEU IRS

Consigne 0,5% do seu IRS liquidado à Fundação
Casa da Música e ajude à criação de novas melodias.



saber mais

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

